(Foto TORRES)
mocidade
portuguesa
feminina
PRIMAVERA

SUMÁRIO

MARÇO DE 1943
BOLETIM MENSAL
PREÇO 1$00
ASSINATURA AO ANO 12$00
NÚMERO 47

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

(Foto MARTINEZ POZALI

O que ficará depois

Escultura de Jean Boucher

«É a guerra aquêle monstro...»

É esta uma verdade que já se não discute. Vamos a outro ponto.

Seja a guerra o que fôr, não deixa por isso mesmo de ser uma escola dura.

Oxalá a tivéssemos sabido aproveitar...

Publicou-se agora em França um volume com cartas escolhidas de combatentes mortos na outra Grande Guerra.

Vale a pena respigar pelo volume fóra.

Abre o livro uma carta de Jorge Leballe — e que foi encontrada ao lado do seu cadáver.

■ *«Meus queridos paizinhos e irmãzinhas queridas. Quando receberdes esta carta, já não viverá o vosso rapazinho. Quando fazia uma patrulha com os meus seis homens, atiraram-me, a poucos metros de distância, uma bala que me rompeu uma artéria. Depois, abandonado, vivi ainda vinte e quatro horas e daqui parto para Deus, onde, cêdo ou tarde, voltarei a encontrar-vos. Não choreis muito e resai por mim. Os meus últimos pensamentos serão para vós e para Deus. Adeus até à eternidade».*

Lêstes essas linhas de olhos enxutos?

■ Há cartas de quem sofreu horrores infernais, que nos fazem pensar em tantas batalhas desta maldita guerra que para aí anda.

Leio êste trecho de M. Brasson: *«De vêr êstes homens, convertidos em estátuas de lama, movendo-se a custo, os olhos cavos, dilatados, cheios de infinito sofrimento; ao vêr tantos extenuados, autênticas agonias em pé, a côlera não deixa de assaltar os mais calmos. Que vergonha! Aí está o que se fez de homens: máquinas de sofrimento!»*

Nêste sentido mesmo é êste período de uma carta de F. Belmont: *«O homem é um animal sujo, talvez mesmo o único animal verdadeiramente mau da criação — que precisa de ser levado com dureza e receber lições bem duras».*

■ Mas ao lado estas outras tão cheias de sol da paz verdadeira.

De Pegny, primeiro: *«Meu filho, como eu quereria que tivesses um pouco desta grande paz que nós temos aqui».*

De Deponey, outro nome bem nosso conhecido: *«Sente-se bem que todos estão preparados para morrer a cada momento... Marcharão para a morte com uma certa alegria e numa paz profunda... Todos aquêles que guardaram um pouco de juventude de coração andam cheios de uma secreta alegria que brilha nos seus olhos».*

■ Outro, G. Veuillet, escreve: *«Não me lastimo nada, porque já vivi horas únicas e sublimes, purificadas de todo o cálculo e de todo o egoísmo».*

■ Terminemos as citações. Outra vez P. Duponey: *«Há uma coisa apenas que desafia a guerra e é a boa vontade dos corações simples, ou, mais exactamente, a simplicidade dos corações de boa vontade que se sabem feitos por Deus e nada mais procuram senão a Êle».*

L. Bieler: *«Fiz pazes com Deus. Tenho confiança n'Êle e espero tudo da Sua bondade».*

* * *

Henrique Ghéon escreveu também o seu livro de guerra: *«Les hommes nés de la guerre».*

Lembro o titulo dêste volume do grande dramaturgo, para concluir:

É necessário que «nasçamos» desta guerra que, por bondade de Deus, ainda mal nos rondou a porta.

«Nascer» desta guerra: outros, bem outros, bem diferentes do que fomos antes e até aqui.

Temos que mudar — e isto é «nascer» desta guerra, da lição que nos dá.

Tem de haver «conversão» em nós, sob pena de a guerra ter passado e nada nos ter ensinado.

Ai daquêles que não souberam ou não quizeram aprender, e «nascer» outros desta escola que vai sendo a guerra que Deus permitiu e nós fizemos...

G. A.

Malaca — Igreja de S. Pedro

OS PROVÉRBIOS PORTUGUESES DE MALACA

O tesouro português é a expansão da Fé católica a florir e a reflorir pelo mundo tocado da graça puríssima do cristianismo.

Onde chegar Portugal chega Cristo. E chega Cristo onde chegar Portugal, não só nas velas das naus de outras eras sulcando *mares nunca dantes navegados* com o orgulho de que *se mais mundos houvera lá chegara* nos versos de Camões, mas porque a mentalidade portuguesa é a mentalidade católica que deixa vestígios de amor e ternura onde se infiltrar, penetrando terras e gentes como a semente do bem que fecunda, transforma, transfigura, e envolve no maior sonho de beleza que tem até hoje atraído a humanidade ansiosa de paz.

Vem isto a propósito de dizer que em Malaca há ainda na religião e na linguagem fortes vestígios do curto domínio que foi o nosso de 1511 a 1641. Dêste prodígio nos dá testemunho o prestimoso livro do Doutor Padre António da Silva Rego: *Dialecto português de Malaca.* Apresenta-nos o autor as mais curiosas facetas da influência portuguesa conservada pelos «eurasianos descendentes de europeus» que têm ainda, segundo a sua informação, nomes portugueses, holandeses, franceses e inglêses.

Diz mais que o centro do dialecto é Ilher onde habitam pescadores que são os mais agarrados ao «papiá cristão», de que tanto se aproximavam os dialectos hoje extintos, de Macau e Ceilão.

Não resistimos a transcrever para aquelas das nossas leitoras que mais estudiosas forem alguns dos Provérbios portugueses de Malaca, onde ressalta através do conceito mais ou menos impregnado do sentimento nacional a sólida moral cristã:

Cuspi na céu cai na rosto
(Se cuspires para o Céu, cai-te no rosto)

Mal, mal, marido mêsso
(Apesar de tudo sempre é meu marido)

Qui hora sol força, querê cai chua
(O riso precede o chôro)

Perdê na floi, ganhá na tambor
(O que se perde numa profissão ganha-se na outra)

Pau bom nàdi hai anhoto
(O bom madeiro não se perde)

Querê chipê, medo morrê; querê abri, medo aboá
(Fala-se dum passarinho que se supõe ter na mão; se se carrega a mão, pode morrer; se se abre, pode fugir)

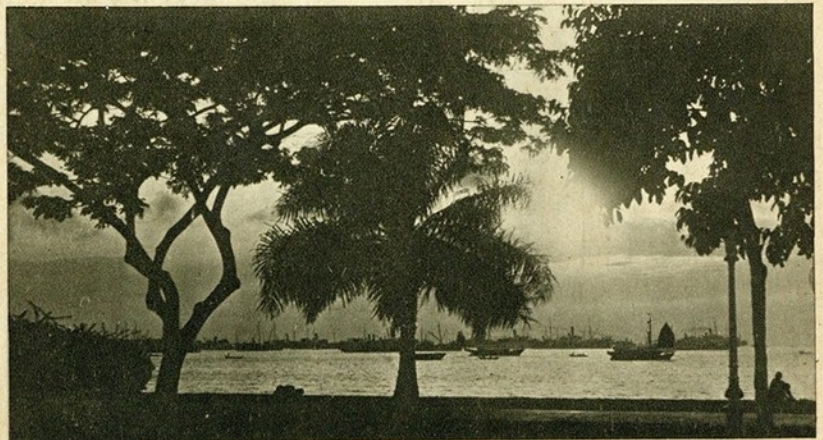
Qui laia unha passaro logo aboá, um dia mesti cai na terra
(A soberba é sempre castigada)

Cal tigre logo comi sua familia?
(Qual o tigre que come os filhos?)

Agu calado tem tanto lagarto
(Águas estagnadas têm crocodilos)

Aqui temos pois os meios combatidos pelas virtudes da prudência, da diligência, da humildade e da paciência... Virtudes cristãs contra pecados mortais são Leis de vida eterna contra a morte, e Luz triunfante de tôdas as trevas. Portugal é guia de salvação porque é de Cristo e vai para Cristo em todos os caminhos de que surge continuamente, em nome do *mesmo Senhor* Deus que o formou. **Berta Leite**

Malaca — Pôr do sol

Júlia
ALA ARRIBA

ALA ARRIBA é o filme mais lindo e mais português que tem passado nos *écrans* do nosso país. A alma genuinamente portuguesa perpassa em todos os seus personagens a dizer que Portugal foi grande, é grande e poderá ser ainda maior, se conservar a sua rudeza de origem que não teme as tempestades do mar, nem a dos homens... e que põe acima de tudo a sua independência, a moral e a Fé.

Júlia, a figura dominante do filme, é um símbolo. No seu olhar meigo e profundo canta todo um oceano! Júlia é a pérola que se deve procurar ao longe... ao longe até aos confins da terra. Júlia é o símbolo da mulher portuguesa singela e distinta, profunda e discreta, que tudo vê, tudo assimila, tudo concentra no seu coração, que é um mar de ternura e de dedicação heróica mas obscura. A mulher portuguesa, genuinamente portuguesa, não a importada do estrangeiro, lembra uma outra mulher vinda do Oriente, em cujo coração cabem todos os povos da terra, de tôdas as raças e de tôdas as côres; a mulher portuguesa genuina, lembra pelo seu recato, dedicação e pureza a Virgem Maria. Para isso canta uma quadra:

> «*Se o Menino Jesus,*
> *Voltasse à terra outra vez,*
> *De certeza quereria*
> *Ser menino português*»

Júlia é a rapariga genuinamente portuguesa, capaz de todos os heroísmos, de tôdas as dedicações, querendo em troca uma só coisa: o amôr de Deus e o amôr daquele que escolheu entre mil para ser o pai dos seus filhos.

É assim o amor em Portugal.

Tudo o mais é falsificação do amor, importado do estrangeiro por tôdas as classes sociais vindas de lá depois da guerra de 1914.

O micróbio que arruinou a Europa é formado do *desrespeito pela autoridade, a corrupção da vida e a ambição do dinheiro*. As cidades, mais que as aldeias, sofrem dêste mal; mas o cinema, a rádio, o romance, o figurino e o exôdo dos aldeões para Lisboa, Porto, etc., tem desnacionalizado o país.

...Tudo nos agradou e deliciou naquela tarde inolvidável de S. Luiz, em que vimos «Ala Arriba»; só uma mágua traziamos no coração ao sairmos do cinema: o olhar de Júlia profundo e meigo, onde se reflectia tôda a grandeza e serenidade do mar, parecia seguir-nos saüdoso: «Para que me roubaram ao domínio em que eu era princesa, para ser uma estrêla de cinema?!»

Seria apreensão minha... sem fundamento... olhei para o céu estrelado e pensei: Uma estrêla nunca deve sair da sua órbita. A cidade corrompe, a rudeza do mar tonifica.

Mary Forbes

I — Júlia com o vestido do casamento.
II — Júlia com o namorado (que é o seu próprio marido).
Fotos do filme ALA ARRIBA

NOTÍCIAS DA M. P. F.

Centro n.º 8, de Esmoriz

O Centro n.º 8 da Escola Primária Feminina de Esmoriz enviou para a Exposição estética da M. P. F. um album com a colaboração de 21 filiadas, todas elas Lusitas e Infantas, que merece uma especial menção no nosso Boletim.

São trabalhos que mostram o cuidado carinhoso da Directora do Centro em formar as filiadas no espirito da M. P. F. e no amor de Deus, da Pátria, da Familia e dos pobrezinhos.

A vida no Centro foi activa, pondo sempre em relêvo as festas cristãs e nacionalistas.

As filiadas festejaram o 1.º de Dezembro; no dia 8 de Dezembro ofereceram a uma criança pobrezinha um enxoval e acompanharam a menina à igreja onde assistiram ao seu baptisado. A neófita recebeu o nome de Maria da Conceição, em honra da Padroeira de Portugal, em cuja festa foi baptisada. E comenta a pequenina Infanta que dá a noticia: «É assim que aprendemos, desde pequeninas, a praticar o bem». (Foto 3).

No Natal armaram um lindo presépio no Centro, cantaram em volta dêle as suas mais lindas canções, comeram juntas a consoada e fizeram o quinhão dos pobrezinhos. (Foto 2).

No dia 1 de Maio — dia do Lusito — fizeram também uma festazinha, de que ficou a recordação na fotografia que publicamos: Lusitas colhendo «maias». (Foto 1).

O «dia do Ultramar» também foi comemorado.

Desenhos infantis, deliciosos de cândura, enfeitam as ingénuas composições literárias das pequeninas de Esmoriz que trazem Jesus no coração e Portugal na alma!

DOURO LITORAL

Porto

Estão a funcionar 83 centros. Organizou-se o Centro Universitário com Curso de Corte e Culinária.

Todos os centros participaram na Comunhão Colectiva da Juventude Católica Feminina.

Curso de chefes de Quina em vários Centros.

Curso de graduadas — Funcionaram — Chefes de Castelo, Grupo, Bandeira e Falange.

Exposição de berços — Exposição na Sub-Delegacia. Trabalhos enviados ao V Salão de Educação Estética. Oferta à O. M. E. N. de 37 berços com respectivos enxovais e 27 enxovais avulso.

Iniciativas — Peregrinação a Fátima — Colaboração do Liceu e Secção. 130 filiadas tomaram parte nesta excursão.

A Sub-Delegada Regional da Ala 1

Mariana Ignez de Mello

Matozinhos

Existem 8 centros com actividades aos sábados de manhã. Por falta de Instrutoras não funcionam nalguns centros as aulas de ginástica e Canto Coral.

Houve distribuição de berços e roupas aos pobres em 5 centros.

A Mocidade Feminina mandou celebrar 2 Missas a que assistiram quási tôdas as filiadas desta Ala, sendo uma no dia 1.º de Dezembro e a outra no dia 8. Nêste dia foi benzida a bandeira do centro n.º 1 e uma filiada ofereceu um lindo ramo de cravos brancos a Nossa Senhora. A Missa foi dialogada pelas filiadas do centro 1.

À Comunhão Pascal compareceram tôdas as filiadas em idade de comungar e duas fizeram a sua 1.ª Comunhão.

O Centro n.º 1 aceitou o convite feito pela M. P. para assistirem ao desfile dos seus filiados, à passagem nêste centro, quando se dirigiam para a Porto no dia do Lusito e também para a Missa campal em Matozinhos.

A Sub-Delegada da Ala 5

Maria Beatriz Cardia Pires

Vila do Conde

Dia 1.º de Dezembro — *Missa solene, mandada celebrar pela M. P. F.; de tarde sessão solene, com alguns recitativos das filiadas alusivos à data do 1.º de Dezembro.*

Dia 8 de Dezembro — *Missa solene, com a 1.ª Comunhão de muitas filiadas.*

Dia 14 de Dezembro — *Exposição de roupas a distribuir pelos pobres, e enxovais e berços, à O. M. E. N.*

Festa realizada na Sub-Delegacia e distribuição de roupas.

Dia 28 de Janeiro — *Fundação do Centro n.º 1 — Escola da Casa dos Pescadores.*

Dia 27 de Abril — *Fundação dos Centros n.os 4 e 5 — Escola Maternal e Profissional de Vairão e Escola Feminina de Azurara.*

Dia 15 de Maio — *Abertura da Exposição de Trabalhos da Sub-Delegacia.*

Dia 20 de Maio — *Festa realizada na Sub-Delegacia para classificação dos prémios e trabalhos a enviar ao V Salão de Educação e Estética.*

Distribuição de 3 prémios.

A Sub-Delegada Regional da Ala 6

Helena Maria Caldeira do Amaral

Santo Tirso

As actividades da Mocidade Portuguesa Feminina nesta Ala começaram no dia 11 de Outubro de 1941, mas muito reduzidamente por falta de Instrutoras. Assim só nos centros 2 e 3 se realizaram, de princípio, as lições de Formação Moral, Canto Coral e Trabalhos Manuais, enquanto que no centro 1 apenas tinham as filiadas as aulas de Trabalhos Manuais e Canto Coral. Mais tarde, em 21 e 27 de Fevereiro, respectivamente, conseguiu-se uma Instrutora de Moral para o centro 1 e outra de Educação Física para os três centros, ficando assim nessa ocasião e de futuro as filiadas desta Ala com tôdas as actividades.

* * *

O Dia 1.º de Dezembro foi comemorado, da parte da manhã, com uma Missa mandada celebrar pela M. P. F. e cantada pelas filiadas do centro 1 e, de tarde, com a assistência a uma sessão solene promovida pela M. P. para exaltação da data gloriosa que se celebrava.

No dia 8 de Dezembro também a M. P. F. assistiu à Missa que a Direcção local da Organização Nacional da Obra das Mães mandou celebrar, tendo o grupo coral do centro 1 cantado a Missa. No final foi lida por uma filiada a consagração da M. P. F. a Nossa Senhora, Padroeira de Portugal.

Por ocasião do Natal foram distribuídas pelos pobrezinhos e directamente pela M. P. F. algumas roupinhas que as filiadas confeccionaram por suas próprias mãos e levaram a casa dos pobres.

Apenas no centro 2 se procedeu de maneira diferente atendendo às circunstâncias especiais em que se encontrava aquêle centro.

Resolveu-se, então, comprar com a receita dêste centro que era de 66$00 alguns metros de flanela e distribuí-los, em retalho de 1,50 pelas próprias filiadas do centro que mais necessitadas eram.

Antes de se proceder à distribuição dos agazalhos houve em cada centro uma Exposição dos trabalhos feitos. No centro 1 tiveram as filiadas a feliz ideia de aproveitar esta ocasião para recorrer à caridade dos visitantes, pedindo alguns donativos para os seus probrezinhos e assim compraram com o produto dêsse peditório géneros e brinquedos que distribuíram na mesma altura.

Lembrou-se esta Sub-Delegacia de fazer a Comunhão Pascal colectiva da M. P. F. desta Ala e depois da autorização da Ex.ma Delegada Provincial marcou-se, de acôrdo com a autoridade eclesiástica competente, o dia 22 de Março para o cumprimento do Preceito Pascal colectivo, mas, por razões bem contrárias à nossa vontade não se pôde realizar nêsse dia, efectuando-se no domingo 3 de Maio, dia da Santa Cruz.

A cerimónia que decorreu num ambiente de muita piedade, constou de Missa e Comunhão de todas as Dirigentes e Filiadas. O grupo coral do centro 1 cantou durante toda a Missa e o nosso Rev.mo Abade pronunciou uma brilhante homilia de incitamento à M. P. F.

Os trabalhos que as filiadas têm executado nas lições de Trabalhos Manuais dos centros. (2.º e 3.º trimestre) figuraram na Exposição Escolar que se realizou nas respectivas casas de ensino que frequentam.

A Sub-Delegada Regional

Maria Alice Santarém

Vida íntima dos Centros

Pediram-me que dissesse algumas palavras sôbre a vida dos «Centros» da região de Lisboa.

Não vos virei falar da sua organização ou de números.

Quereria antes relatar-vos factos dignos de menção.

Mas por agora citarei só três, bem simples, cada um passado em seu Centro.

Confiamos, porém, absolutamente no futuro e esperamos mesmo que, de hoje a um ano, poderemos apresentar às nossas queridas filiadas um grande número de belas ideias.

Um dêles — As filiadas dum Centro semearam favas no quintal da sua Escola...

Cuidaram delas com tôda a dedicação.

E um dia, as mais velhas, cozinharam-nas e preparam um almoço, que serviram a um grupo de pobrezinhas.

Podem bem avaliar o contentamento de umas e de outras: o das pobrezinhas — sentindo-se acarinhadas — o das filiadas, que colaboraram nêste acto, praticando uma boa acção.

Um outro — Dois grupos de filiadas, umas mais pequeninas, outras mais crescidas, reunem-se, depois das aulas, sacrificando o seu descanso, e trabalham para 11 criancinhas que protegem e a quem, aos domingos, na sede do Centro, vão vestindo, servem uma refeição e dão lição de catecismo; acabam por brincar com elas ensinando-lhes jogo e canções.

Que belas e saudáveis tardes as dessas crianças! As pobrezinhas — esquecidas do ambiente de miséria em que vivem — as filiadas — dando uma lição de amôr ao próximo. (Fotos 4, 5 e 6)

Outro ainda — Um bébé louro de 3 anos, vive a dois passos do Centro que lhe deu uma caminha e um enxoval quando nasceu...

Habituou-se, desde sempre, êsse bébé, a ver aparecer em sua casa filiadas da M. P. F., que iam indagar da sua saúde, que lhe faziam festas. que lhe levavam mimos.

E agora, que é mais crescidinho, já êle vem algumas vezes até elas...

Há uma festa na Escola — não é festa da Mocidade — mas que importa? As filiadas, alunas dessa Escola, que sabem bem como os dois serviços colaboram, não esquecem nunca o seu protegido e não deixam de convidar o «seu menino».

Êsse convite é sempre um pretexto para o vestir com um fato novo, para lhe oferecer um brinquedo, para lhe dar uma merenda.

Não sei bem quando vão para suas casas quem vai mais contente: Se o pequenino — que passou uma tarde diferente de quási tôdas as outras — se as filiadas — que sentem que deram umas horas de felicidade a uma criancinha pobre que muito estimam.

A Sub-Delegada Regional de Lisboa,

Maria Emilia de Sousa e Castro

NOTA: — Publicaremos no próximo múmero a continuação das notícias da Província «Douro Litoral».

FANNY MENDELSSOHN

A música — (Miniatura do século XV)

Na galeria das mulheres célebres por terem sido inspiradoras de homens notáveis, são freqüentes as esposas, mães ou filhas. Muito raras são as irmãs, pois o seu papel é bem mais difícil no lar dêsses génios. Com o casamento dos seus irmãos acaba a influência que sôbre êles possuíam, e a sua razão, por assim dizer, de ser. A sua vida finda, dramàticamente, longe daquêle a quem tinham dedicado a vida.

No entanto existem excepções e a mais conhecida dos tempos modernos é, sem dúvida, a de Fanny Mendelssohn, irmã de Felix Mendelssohn, o célebre compositor alemão de origem judaica. Excepcionalmente dotados para a música, a única coisa que evitou que ficassem ambos igualmente célebres, foi nessa época não se considerar normal uma rapariga seguir uma carreira, mesmo sendo ela tão feminina como a musical.

Nasceu em 1805, em Hamburgo, duma família honesta e considerada. Sua mãe tinha um espírito tão musical que ao ver pela primeira vez a sua filhinha recem-nascida exclamou: "A pequenina tem dedos bons para tocar fugas de Bach„.

Quatro anos depois nascia um irmãozinho a Fanny. Logo que as crianças tiveram bastante entendimento, começaram, com a mãe, as suas lições de música. Cinco minutos de cada vez que foram aumentando um minuto por dia!

Mas como a família ia crescendo (mais dois irmãozinhos) e a mãe já não tinha tempo disponível, Fanny e Felix foram confiados aos avós, em Paris, que entregaram a sua educação musical a uma professora muito conhecida nessa época. De regresso à Alemanha os seus estudos continuaram em vários ramos da ciência, mas o que mais os interessava era a música.

Nessa época as educações eram severas e Fanny não se queixava de ter que se levantar todos os dias às 5 horas da manhã... Era o costume dos irmãos de se presentearem, nos seus aniversários, com composições musicais da sua autoria.

A seguir ao dia dos anos de Fanny, em 1825, esta escreve a um amigo: "Felix deu-me três presentes — uma "canção sem palavras„ para o meu album (tem escrito ultimamente algumas lindas) outra peça para piano composta recentemente... e um grande trabalho — uma peça monumental para piano.

Com gôsto lhe direi, como me pede, o que Felix está fazendo agora, embora seja menos fácil de explicar do que julga. Acho que, no todo, cada novo trabalho que compõe ganha em claridade e profundidade. Os seus pensamentos tomam uma direcção mais fixa e vê-se que avança no caminho que traçou para atingir o fim que conscientemente deseja atingir. Não posso bem explicar essa finalidade, talvez porque uma idéia em arte nunca é bem definida em palavras... talvez também porque só posso seguir êsse progresso com o meu olhar amigo e não nas próprias asas do pensamento que o levam a avistar êsse fim„.

Que compreensão carinhosa e ao mesmo tempo modesta na maneira de apreciar o irmão!

Felix aos quinze anos tocava com Fanny a abertura do "Sonho duma noite de verão„ que êle compusera!

Quadro de Danhauser

Nos meios musicais de Berlim já eram nessa idade considerados notáveis. A-pesar-dos pais Mendelssohn serem israelitas, educaram os filhos na religião cristã. No dia da confirmação de Fanny, o velho Abraham escreveu uma carta cheia de sentimento à filha, que acabava com estas palavras: "Agora sê o que a sociedade espera dum cristão: *verdadeira, fiel, bôa*„. Nesta época começa a desenhar-se a inevitável separação dos irmãos. Felix aparece tocando em público, publica as suas composições.

Fanny é instada para que publique também as suas... mas a família e o próprio irmão não acham bastante feminina e modesta a situação de "autor„. Fanny, obediente, renuncia.

Só anos mais tarde consegue publicar os seus melhores trabalhos. Mas não tenta, além disto, voar mais alto. Basta-lhe ser a confidente de seu irmão.

Quando Felix tinha qualquer idéia, vinha submetê-la à irmã e só a escrevia depois. Quando uma música sua chegava a ser tocada já Fanny a sabia de cór.

Vê-se por êste trecho duma das suas cartas como era verdade o que digo:

"Até ao presente momento, possuo a sua inteira confiança.

Tenho acompanhado o seu progresso passo a passo, e posso dizer que tenho contribuido para o seu desenvolvimento. Tenho sido o seu único conselheiro musical, e êle nunca escreve qualquer pensamento, sem mo submeter. Por exemplo: tenho sabido as suas óperas de cór, antes de uma só nota ser escrita!„

Animava e amparava moralmente o irmão e, quando longe, continuava por cartas a convivência que tão querida lhe era.

Interessavam-na tôdas as artes e foi numa exposição de pintura que conheceu o seu futuro marido, o pintor Wilhelm Hensel. O casamento, o nascimento dum filho e o casamento do próprio irmão, não lograram arrefecer tão dôce amisade. Se estavam longe escreviam-se constantemente, e é pelas suas cartas que Fanny ficou conhecida até nossos dias.

São especialmente interessantes as que escreveu de Itália. O encanto dêsse país do Sul, que sempre prendeu e inspirou os artistas, fez-se sentir fortemente na alma e imaginação desta filha do Norte.

Organizava concêrtos em casa, no estúdio do marido.

Abria as grandes janelas que davam para o lindo jardim e criava essa harmonia perfeita, que é a beleza da Natureza ligada à inspiração humana mais pura.

Foi no ensaio dum dêsses concêrtos que a morte a veio fulminar. Seu irmão ficou, não só inconsolável, como privado, por assim dizer, da sua própria inspiração.

Desde então, só teve gôsto em compor música sacra.

Seis meses depois de Fanny, entregava a sua alma a Deus. Nunca mais sentira a vida completa, sem a terna amizade de tão encantadora irmã.

Tinham ambos, à sua morte, uns 40 anos, mas, a-pesar-de ainda novos, enriqueceram o capital da humanidade com a sua inspiração e exemplo da sua fidelidade.

Francisca de Assis

Felix Mendelssohn

AMABILIDADE

Ser *amável* significa ser *delicado* e também *digno de ser amado.*

Na verdade, quem fôr delicado — *amável* — será amado. Tanto desejamos que gostem de nós; mas, então, aqui temos o melhor meio de atrair simpatia e merecer estima: sejamos amáveis! A amabilidade é uma qualidade social; devemos ser cortezes e afáveis nas nossas relações com o próximo.

Mas a amabilidade é também uma virtude familiar; porque a amabilidade não é apenas verniz no trato com o mundo: é doçura e carinho que devemos aos nossos.

Há pessoas que julgam que ser amável é ser cerimonioso ou... fingido!

A familiaridade e a intimidade não dispensam a amabilidade; quanto mais íntimos formos com uma pessoa, mais atenções devemos ter para ela.

A verdadeira amabilidade é sincera, porque é a expressão dos nossos bons sentimentos.

A amabilidade não é só gentileza, é também bondade.

Ser doce, suave, afável — é ser bom!

Mas a própria bondade não dispensa a amabilidade; uma bondade rude, não agrada e chega por vezes até involuntariamente a maguar!

Gostas de agradar? Queres ser estimada? *Sê amável!* Interessa-te pelos outros. Cultiva a arte das pequenas atenções. Presta com simplicidade e prontidão os pequenos serviços em que possas ser útil. Esquece-te de ti para à tua custa dares prazer. Cede de bom grado o teu lugar. Renuncia à tua vontade. Aprende a escutar sem aparentar enfado uma conversa massadora. Não fales de ti quando os outros falam de si mesmos. Mostra-te reconhecida por tôdas as provas de consideração e amizade que receberes. Faz festa ao mais insignificante presente. Retribue com um sorriso todo o olhar de simpatia.

Queres ser boa? *Sê amável!*

Visita os doentes. Acompanha os que vivem sós. Sê acolhedora para os pobres. Se puderes evitar uma contrariedade, não hesites! E não cries embaraços a ninguém. Pensa que os outros também teem coração. Não fiques indiferente a nenhuma pena ou alegria alheia. Lembra-te dos ausentes. Aconchega os que vivem perto de ti.

Ser amavel é ser bem educado. E é tão feio uma rapariga *mal educada!* Uma rapariga que manifesta egoismo ou rudeza mostra falta de educação.

Não ser amável é ser grosseiro; fica mal a uma rapariga que pela sua situação social se julga... *fina!*

MARIA JOANA MENDES LEAL

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Quando se seguem veredas, para em longas jornadas palmilhar um caminho, há que traçar um rumo, seguir uma orientação... Ir à aventura, seria talvez loucura imprudente.

Marcamos hoje pela primeira vez, raparigas universitárias da M. P. F., uma presença colectiva numa «Página Universitária». O que não somos: tribuna de oratórias vãs, de harmonias aparatosas vasias de sentido. O que queremos ser: raparigas cem por cento, para depois sermos universitárias conscientes duma missão. A nossa página não será uma página rigidamente especializada feita com esquemas rígidos, será antes uma comunicação-viva-universitária. Os nossos caminhos são caminho de Ideal e de Vida... «ad lucem».

Uma universitária da M. P. F.
filiada n.º 349

1.ª VISITA DE ESTUDO AO MUSEU DE ARTE ANTIGA

Como eu gostaria de saber pôr nestas curtas linhas todo o entusiasmo que o estudo da arte portuguesa merece e que despertou bem vivo no grupo de filiadas que, com a Nossa Directora de Centro, visitaram o Museu de Arte Antiga, no passado mês. Evidentemente, que, se não tivessemos a orientar a visita uma pessoa profundamente conhecedora do assunto, como a Ex.ma Sr.ª D. Maria José Mendonça, podia existir e existia com certeza admiração pelas grandes obras, mas não havia aquêle entusiasmo e interêsse que durante tôda a visita se revelou. Êsse interêsse tem sido transmitido, e o Museu começa a ter mais visitantes, mais admiradoras dos belos quadros que contém. E assim, de vez em quando, lá sai da Faculdade um grupinho que se dirige às Janelas Verdes, procurar encontrar por si a beleza no trabalho dos grandes mestres.

A primeira sala que mereceu a nossa atenção foi aquela onde está exposto o retábulo, atribuído pelo Dr. José de Figueiredo ao pintor Nuno Gonçalves, os painéis chamados da «Veneração a S. Vicente». Obra admirável, das tais que nos deixam estáticas perante elas. É a mais notável que existe no País e a única no género na Europa. Foi conhecida e admirada no estrangeiro devido ao Dr. José de Figueiredo, a quem a arte portuguesa muito deve. Nêste retábulo de seis tábuas está representada tôda uma época. Figuram nêle as diferentes camadas da sociedade: clero, nobreza e até mendigos, em veneração a um Santo.

Será S. Vicente, será o Infante Santo, a figura central? Segundo a opinião do Dr. José Figueiredo ela representa S. Vicente, e a Ex.ma Sr.ª D. Maria José Mendonça apresenta-nos os argumentos dêsse insigne crítico. O sr. Dr. Saraiva não concorda e com argumentos que me parecem também sólidos, afirma que essa figura não é a do Padroeiro de Lisboa, mas sim a de D. Fernando, o cativo de Fez.

Na sala onde actualmente se encontra apenas uma parte dos quadros portugueses do século XVI, a Ex.ma Sr.ª D. Maria José Mendonça, antes de nos fazer notar a beleza dêles, expõe-nos a história da crítica da pintura portuguesa. Só então se passou a examinar os referidos quadros. Não tento dar aqui o resultado da investigação e análise porque não há espaço e porque só em presença dêles seria interessante.

(Continua na pág. 13)

A actividade dêste Centro distribui-se da seguinte forma:

No primeiro sábado de cada mês — visita de estudo ao Museu de Arte Antiga sob a direcção da Conservadora do museu, a Ex.ma Senhora D. Maria José Mendonça.

No segundo e quarto sábados, actividade no Centro — Ginástica, Moral e Canto Coral.

No terceiro sábado, passeio ou excursão.

Nos meses em que há um quinto sábado, palestras no Centro, sôbre assuntos que interessam à formação das filiadas.

As visitas de estudo estão despertando grande interêsse por parte das filiadas, que nelas encontram um meio de cuidarem da sua cultura geral.

Os passeios dão ocasião a uma alegre

ACTIVIDADE DO CENTRO 65

(UNIVERSITÁRIAS)

camaradagem e servem para desanuviar o espírito das universitárias, habitualmente sobrecarregadas ao máximo pelo trabalho intelectual.

As palestras visam a pôr as raparigas em contacto com as diversas Obras de carácter social, que é de tôda a utilidade ficarem a conhecer.

A actividade no Centro decorre sempre num ambiente muito familiar e no meio da mais franca camaradagem.

Periòdicamente, realizam-se no Centro, sessões culturais a cargo de uma ou outra Faculdade. No decurso do presente ano lectivo, houve uma organizada pela Faculdade de Letras, e outra pela de Ciências, estando em projecto uma terceira.

(Continua na pág. 13)

Na 2.ª visita ao Museu de Arte Antiga

2.ª VISITA DE ESTUDO DAS UNIVERSITÁRIAS AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Nunca lhes aconteceu, ao entrar no Museu de Arte Antiga, sentirem um vago respeito, perante a grandiosidade das obras expostas?

Diante de tão grandes manifestações de génio, não nasce em vós, raparigas de hoje, um sentimento de admiração por êsses homens que, alguns séculos atrás, conseguiram transmitir à tela os rasgos da sua alma de artistas?

Eu senti essa admiração e êsse respeito ao visitar o Museu, e estou certa de que aconteceu o mesmo às colegas que me acompanharam.

Na nossa segunda visita de estudo ao Museu Nacional de Arte Antiga, tivemos ocasião de apreciar a óptima colecção de quadros da Escola Flamenga, pintados nos fins do século XV e princípios do XVI.

Na observação bastante minuciosa destas pinturas, tivemos o precioso auxílio da Ilustre Conservadora daquêle Museu, a Ex.ma Sr.ª D. Maria José Mendonça. Além da proveitosa lição que nos deu, àcêrca do que foi a Escola Flamenga, mostrou-nos alguns pormenores interessantíssimos, que certamente passariam despercebidos aos nossos olhos, ainda inexperientes em matéria de Arte.

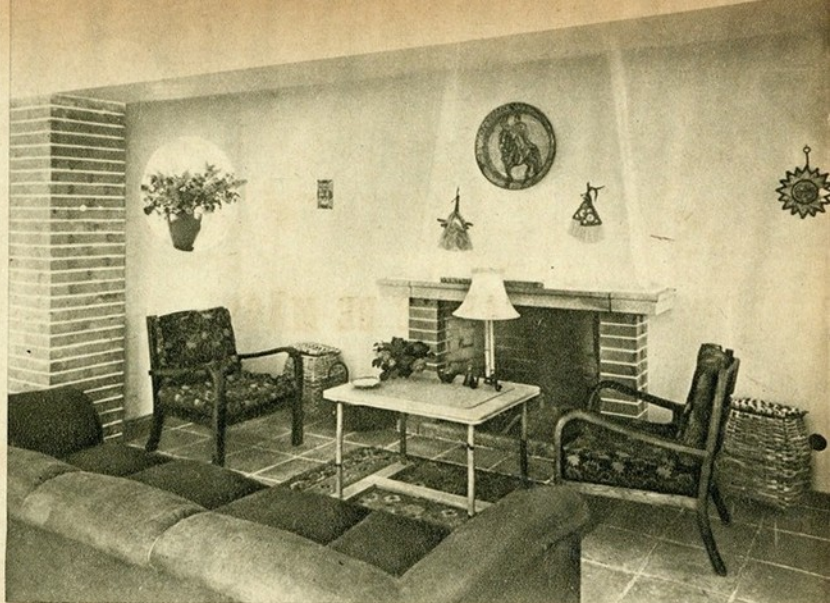
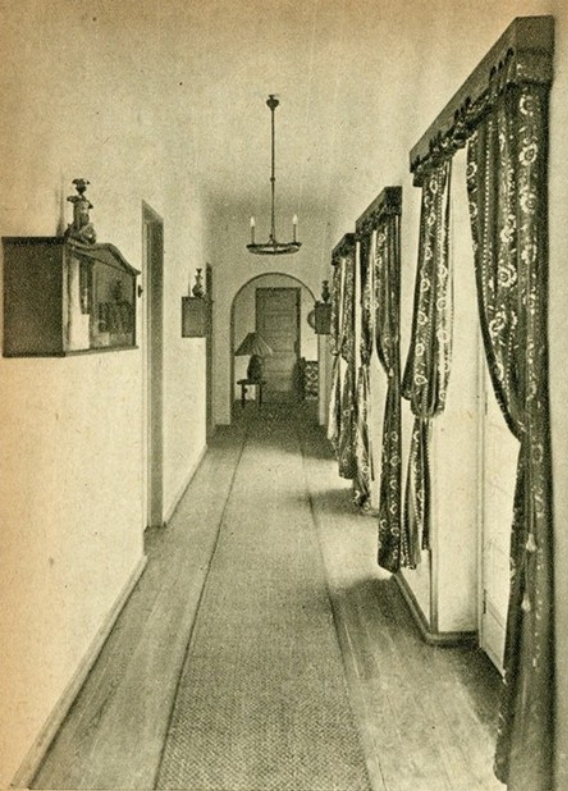
Assim, pudemos observar produções admiráveis de alguns génios da Renascença, como Memling, Gerard David, Quintino de Matsys, e ainda muitas outras que, embora não sejam de grandes mestres, são, no entanto, de grandes artistas.

Vimos, por exemplo, obras de Jorge Afonso, Frei Carlos, Bosch, Patinir, Gossart de Mabuse, Van Cleef e Jan Sanders.

A técnica dêstes quadros é, duma maneira geral, perfeita. Alguns são duma sobriedade elegante, noutros nota-se a influência da Escola Italiana pelo cuidado em pintar com profundeza e perfeição os mais pequenos pormenores.

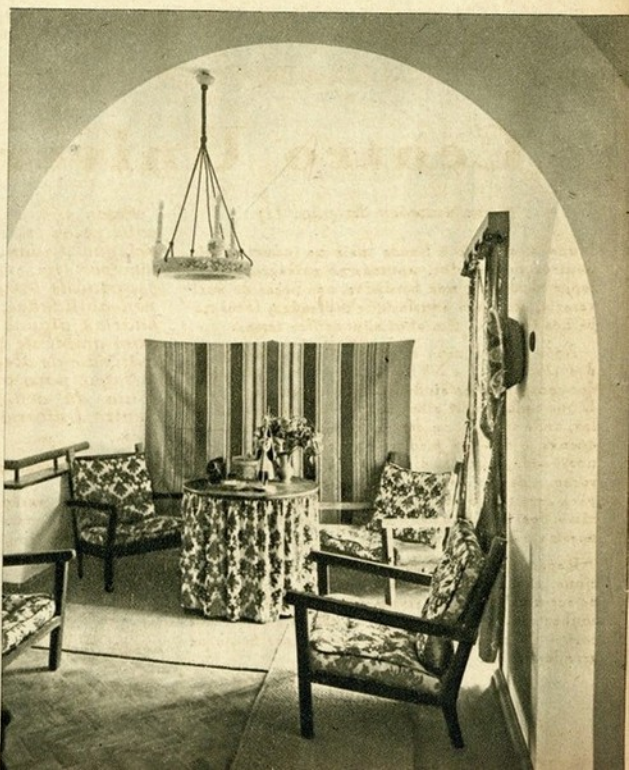
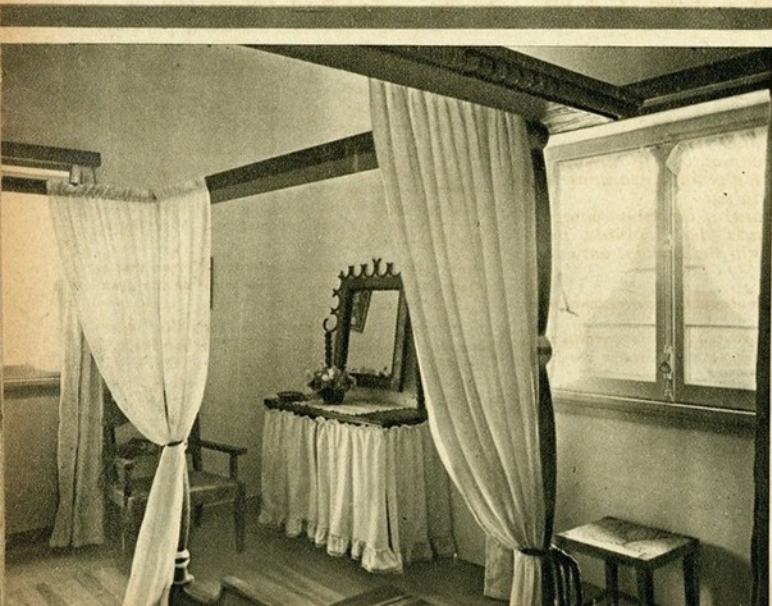
Os fatos são de côres admiráveis e os tons estão maravilhosamente bem combinados. Por exemplo, o manto da «Senhora das Dôres» de Quintino de Matsys, é dum azul incomparável.

Alguns dos contornos são de grande correcção e beleza, modelados duma maneira muito regular; há caras que são verdadeiros espelhos de misticismo. Quási sempre o rosto da Virgem

(Continua na pág. 13)

O LAR

Estes interiores, tão portugueses e tão belos na sua simplicidade cheia de bom gôsto, são da "Pousada" de Elvas, organizada pelo S. P. N.

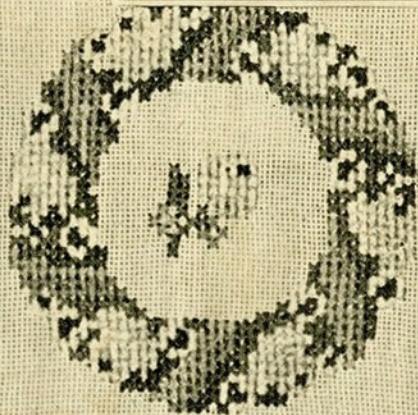
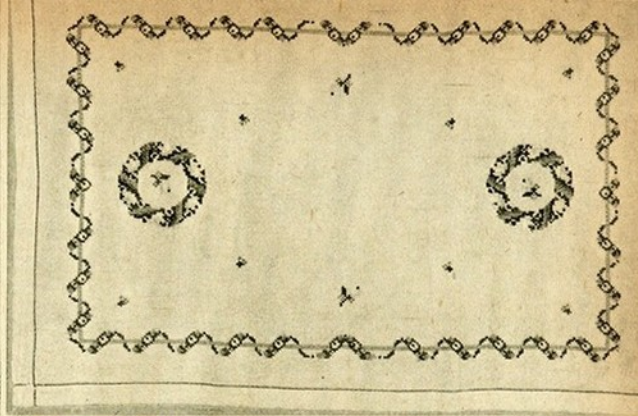
Podemos sem receio imitá-los na nossa casa, que são recomendáveis pela sua distinção e confôrto.

Copia-se tanta coisa feia por essas revistas estrangeiras quando, entre nós, começa a haver tanta coisa bonita!

TRABALHOS DE MÃOS

BORDADO EM PONTO DE CRUZ

ESTÃO na moda os bordados em ponto de cruz e é lindo o desenho que hoje damos.

As rosas da rodela são em 3 tons, côr de rosa; as flores pequenas amarelas, com o centro castanho; as folhas em 2 tons verdes e o resto da rodela é cheio em 2 tons de azul.

A grinalda obedece às mesmas côres, sendo o risco a direito em castanho dourado, assim como o ponto *à jour* da bainha.

Desenho da Escola Industrial Machado de Castro

Centro Universitário de Lisboa

(Continuações da pág. 11)

Nuns a atenção é fixada mais na indumentária, noutros no interior, noutros na paisagem que ao longe se divisa, nos bordados, nas peças de ourivesaria, etc. Para aquelas que pretendem fazer trabalhos inéditos, têm aqui abundantes temas.

Após êste pequeno estudo da pintura portuguesa dos séculos XV e XVI, em tôdas nós houve grandes considerações ainda que não fôssem proferidas. É que todo aquêle silêncio, aquela vastidão de salas, onde só se vêem coisas grandes, torna-nos pequenas e faz-nos meditar um pouco no que é a nossa vida. Aqueles distinguiram-se na arte, cultivaram e desenvolveram os dons que Deus lhes deu para servirem o seu país, e nós cultivaremos o máximo dos nossos dons? Portugal ganhará com a nossa vinda ao mundo?

Raparigas, sempre que a ocasião se vos proporcione, nunca deixem de a aproveitar, porque além de ser uma obrigação alarga o horizonte dos nossos conhecimentos e em especial quando se trata das coisas da nossa terra, elas são sempre fonte de grandes lições.

Bela Emília de Castro

Estas sessões, inteiramente levadas a cabo pelas filiadas, sob a orientação das delegadas das respectivas Faculdades, têm por fim, não só desenvolver nelas o espírito de iniciativa e o sentido das responsabilidades, como facultar às universitárias alguns momentos de diversão, num ambiente que é simultâneamente de cultura e de alegria sã.

Daqui para o futuro, daremos sempre conta da actividade desenvolvida pelo Centro Universitário de Lisboa, em cada mês.

---

tem uma expressão muito triste, e disto temos um dos exemplos mais frisantes na «Virgem e o Menino» de Memling.

A côr da carne é das coisas que mais nos impressionam, de tal maneira ela se nos apresenta natural.

A paisagem começa a aparecer já nesta altura, como um factor importante na decoração de um quadro. Vai ganhando vida e côr, e na obra «S. Jerónimo em oração», Patinir atendeu a ela como assunto principal.

A imaginação de alguns artistas não deixou de produzir, também, obras assombrosas, e isto pode observar-se no quadro «Tentações de Santo Antão», onde Bosch pintou uma legião enorme de monstros, com as formas mais variadas e exquisitas.

Mas houve algumas coisas que nos chocaram pela sua falta de proporção: às vezes era uma mão demasiadamente grande, outras vezes, uns dedos muitos afilados e compridos, outras ainda, era a desproporção dos pés, que pudemos observar no «Bom Pastor».

Mas estas pequenas coisas são defeitos que se apagam, quási por completo, no meio de tão grandes obras de Arte.

E agora, para terminar, um conselho: quem ainda não conhece o Museu de Arte Antiga, não deve deixar de visitá-lo, quanto antes. Quem já o conhecer, que volte uma, duas, três vêzes, o preciso para observar com atenção essas obras de grandes génios. Além de serem uma lição, essas visitas deleitam o espírito, e ensinam a conhecer o que a Arte produziu de belo no nosso País.

Joaquina Augusta de Sousa Brazão

Filiada n.º 56 do Centro 65

PÁGINA DAS LUSITAS

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

O SEGREDO DE CLARINHA

(Continuação do número anterior)

CLARINHA — Nunca posso sentir-me feliz em casa; há sempre... o que a Sr.ª D. Beatriz sabe.

D. BEATRIZ — Tôla! Não compreendo êsses sentimentos de embirração sem motivo. Tua madrasta é má? Trata-te mal?

CLARINHA — Não posso dizer isso, mas detesto-a: e êsse sentimento é tão forte... que até se estende ao meu irmão!

D. BEATRIZ *(indignada)* — Oh Clara! Não *podes* continuar a pensar assim.

CLARINHA *(abraçando-a)* — Não se zangue, não? pois de si gosto imenso, bem sabe!

D. BEATRIZ — Com o rancor no coração quem pode ser feliz? A primeira coisa que deves fazer é confessar isso tudo ao padre: e crê que me desgostas profundamente.

CLARINHA *(sacudindo a cabeça)* — Não pense nisso; talvez passe um dia. Olhe sabe o que me disse a Mãe? que os primos Sousas vão estar comnôsco na Quinta: o Manuel João, a Angélica e a Zéca. Fiquei contentíssima!

MÁRIO *(correndo)* — Não se admirem se me demorar: a camioneta vai agora ao Algarve!

D. BEATRIZ — Coitadito, está bem melhor do que veio; e, apesar do mimo que tem, é um bom pequeno.

CLARINHA — Às vezes sinto ternura por êle; mas nem sempre... Chego quási a detestá-lo!

Passaram as horas depressa na calma da tarde. Quando chegou a hora de deixar a mata chamaram por Mário a bom chamar... — Hú! Hú! — gritava Clarinha; e o éco respondia entre o arvoredo frondoso: — Hú! Hú!

— Má...rio! — gritava D. Beatriz para outro lado. Nenhuma voz, porém, respondia àqueles chamamentos; e a professora começava a sentir-se verdadeiramente inquieta. Havia lagos perigosos naquela mata...

CLARINHA — Não se assuste, Sr.ª D. Beatriz: não se lembra que êle avisou que se demorava mais desta vez?

D. BEATRIZ *(aflita)* — Esta mata é cheia de barrancos: se êle caiu nalgum? E vai escurecendo cada vez mais, meu Deus...

CLARINHA *(resoluta)* — Vamos por lados diferentes a chamar: e voltamos aqui ambas.

E, separando-se uma da outra, foram chamando através da mata sombria... Mas quando voltaram àquêle banco onde tinham passado a tarde, nenhuma conseguira ainda encontrar Mário; e a aflição de ambas era enorme!

Foi uma noite terrível aquela em que, com lanternas e archotes, se andou percorrendo a mata em busca do pobre Mário! E passadas muitas horas tiveram de interromper-se as buscas, quási inúteis pela escuridão daquela noite, para se recomeçarem apenas o sol nascesse.

A infeliz condessa, a quem não tinha sido possível esconder o desaparecimento do filho, caíra na cama com um grave ataque de coração; era a boa D. Beatriz que olhava por ela, tratando-a dedicadamente.

E durante êste tempo Clarinha, com ares estonteados, vagueava pela mata chamando o irmão em voz plangente.

Acordara nela, emfim, um sentimento de ternura quási maternal pelos anos que tinha mais do que êle; e passava-se na sua alma qualquer coisa de estranho que ela própria não sabia explicar a si mesma... Parecia-lhe que era culpada naquele desaparecimento do irmão; parecia-lhe que fôra ela, com a sua frase sêca e impertinente, que o mandara para a morte! E ouvia, a todo o momento, dentro do seu espírito, as suas próprias palavras:

— Você não conta: cresça... e desapareça, ande!

Entregue a si mesma durante horas, pois D. Beatriz não deixava a cabeceira da condessa, Clarinha sofria intensamente.

Tinham-se feito pesquisas nos dois grandes lagos: e eis que surgiu preso aos ramos duma das margens o boné azul que o pequeno usava sempre! Maior terror foi o de Clarinha, na quási certeza de que o irmão ali caíra... Mas os paus e os ganchos variados não trouxeram o corpo de Mário e já se pensava que o rapaz saíra da mata e fôra, talvez, roubado por ciganos... Também os cães ajudavam nestas pesquizas, parecendo compreender do que se tratava, correndo a farejar o chão, depois de lhes darem a cheirar o boné azul. Era já meio dia quando um pequeno *fox-terrier*, que muitas vezes brincava com Mário nas suas alegres corridas, parou, ladrando com fôrça perto dum cedro. A cabeça erguida, a bôca escancarada, os olhos brilhantes, o cãosito não se calava; e corria duns para outros numa ânsia impressionante.

UM HOMEM — O menino é capaz de ter trepado pelo cedro acima...

CLARINHA *(gritando para cima)* — Mário! Mário! Responde!

OUTRAS VOZES *(gritando)* — Oh menino Mário! Oh menino Mário!

Mas nenhum som vinha dos altos ramos do cedro... E o cãosito continuava a ladrar.

UM HOMEM — Vai-se buscar uma escada para trepar até lá acima.

CLARINHA — E como é que meu irmão pôde trepar tão alto?!

OUTRO HOMEM *(abanando a cabeça)* — Sim, êle a falar a verdade, custa a crêr...

Depois duns momentos de espera trouxeram uma escada alta, que se encostou ao cedro; e o *fox-terrier*, vendo êsses preparos e compreendendo o que se passava, deitou-se encostado à arvore.

Clarinha, exausta e chorosa sentou-se no chão e afagou o cãosito em silêncio, enquanto um dos guardas da mata subia pela alta escada.

UM HOMEM *(cá de baixo)* — Então, oh sr. Serafim, vê por lá alguma coisa?

Uma forte exclamação do guarda lhe respondeu.

O GUARDA — Homessa!

CLARINHA *(erguendo-se de repente)* — O que é? O que é?

O GUARDA — Pois o que havéra de ser, menina? Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo!

CLARINHA *(gritando, impaciente)* — Achou o meu irmão? Mário! Mario!

O GUARDA *(a rir, descendo devagar)* — Já aqui o tenho: dorme como um anjinho!

VÁRIOS HOMENS — Santo nome de Jesus!

— Esta é que é de arromba!

— E trepar até lá acima um fedelho dêstes!

CLARINHA *(de mãos postas, chorando)* — Oh minha Virgem Santa que me ouviste!

Depressa o guarda pôs nos braços dela o irmão. Mas o pobre Mário não dormia «como um anjinho»: talvez, pensava Clarinha, já estivesse no céu com outros anjinhos, tão grande era a sua imobilidade e sua frieza hirta!

UM DOS HOMENS — Deixe-o, menina, leva-se ao colo que a menina não tem fôrças.

Mas Clarinha não consentiu que lhe tirassem o irmão dos braços.

E, cingindo contra o peito aquêle corpito gelado, foi a correr até casa sem parar. Aí, porém, faltaram-lhe as fôrças! e, depois de entregar Mário, Clarinha caiu desmaiada.

....

Tinham chegado os primos queridos de Clarinha; e com êles uma pequena inglêsa, ainda parente afastada, que vinha passar as férias em Portugal e de quem Clarinha muito gostava. Polly era alegre e expansiva; e o seu português atrapalhado fazia rir toda a gente. Logo que chegaram foram todos vêr o jardim.

POLLY *(entusiasmada)* — Oh vista superba!

CLARINHA *(rindo)* — Não fizeste progressos nenhuns!

POLLY *(indignada)* — Mas tu não dizer essa coisa, Clara! Na minha colégio todos admirar eu falar tão bem português!

CLARINHA, MANUEL JOÃO, ANGÉLICA, ZÉCA — Há! Há! Há!

POLLY *(rindo também)* — Antes fazer rir que ficar tristes vocês!

MANUEL JOÃO — Contigo é impossível ficar triste, Polly!

ANGÉLICA — Sabes o que te digo? Desiste de falar a nossa lingua.

ZÉCA *(rindo com gosto)* — Porquê? Tem imensa graça o português da Polly.

POLLY (*a sério*) — Eu não pensar ter graça nenhuma! Só explicar... dizer... querer... querer...

MANUEL JOÃO (*rindo*) — Coitadinha da Polly, deixem-na falar o seu «bunda» à vontade; nós sempre a entendemos.

POLLY — «Thank you, John. Você é um gentleman».

CLARINHA — Amanhã vamos fazer um pic-nic no rio, querem?

POLLY (*batendo as palmas*) — «Oh lovely»!

CLARINHA — Vamos a pé até ao Moinho Velho, e tomamos banho antes de lanchar. Trouxeram os fatos?

— Sim! Sim!

MANUEL JOÃO (*radiante*) — E agora digo eu, à moda da Polly: Superbo!

ZÉCA — E o Mário vai connôsco, Clarinha?

CLARINHA (*com um suspiro fundo*) — Está ainda fraquinho para essas coisas. Esteve bastante doente... Se vocês soubessem...

POLLY (*com interêsse*) — Eu só saber que Mário ficou uma noite completa em cima dum árvore alto e não cair lá de cima. Admirável rapaz!

ANGÉLICA (*pensativa*) — Foi quási um milagre...

ZÉCA — O Mário teve sempre um geitão para trepar às árvores. No verão passado esteve escondido que tempos naquela figueira velha, não se lembram?

MANUEL JOÃO — Parece ter raça de macaco!

CLARINHA (*escandalisada*) — Oh, Manuel João!

ANGÉLICA (*a Clarinha*) — E tu é que carregaste com êle meio morto, coitada.

CLARINHA (*grave*) — Não me falem mais nisso tudo, foi medonho; mas como êle se salvou e a Mãi não morreu (como se julgava que sucedia) foi como se me tirassem um pêso de cima das costas!

ANGÉLICA (*admirada*) — Que culpa tinhas tu?! Não percebo...

POLLY — Que coisa pesada estava sobre ti, Clara? Mim não entender bem.

ZÉCA — Deixem-se de explicações; vamos instalar-nos e depois combinar tudo para amanhã, sim?

CLARINHA (*risonha*) — Pois sim, Zéca, vamos lá. Eu estou a gosar tanto tê-los cá, nem calculam! Deus sabe se para o ano...

MANUEL JOÃO (*admirado*) — Para o ano... estamos mais velhotes; mas a quinta é a mesma e os pic-nics também podem ser os mesmos!

CLARINHA (*baixo*) — Não se sabe o que será para o ano...

Depois duma tarde animada, com o lauto chá servido debaixo dos castanheiros, uma surprêsa os esperava: a condessa convidara algumas pessôas amigas e resolvera improvisar um alegre bailarico, ao som da grande grafonola. Foi uma azáfama depois do jantar, com a combinação do que haviam de vestir, a escolha dos discos... E toda a tarde, na enorme cozinha, se agitavam as criadas, fazendo bolos, croquetes e pastéis.

Quando, pelas dez e meia, chegaram os convidados já o ranchinho estava a postos, pronto a divertir-se alegremente toda a noite.

Clarinha fazia as honras da casa com gentileza e boa disposição. Queria que todos dançassem, todos rissem, todos comessem, todos gozassem! E quando a condessa, vendo-a tão animada, se dirigiu a ela, Clarinha recebeu com agrado as suas observações.

A CONDESSA — Corre tudo ao teu gosto, filha? Estás satisfeita?

CLARINHA (*sorrindo*) — Agradeço-lhe, Mãi, a ideia e o trabalho que teve; estão todos animadíssimos!

D. BEATRIZ (*aproximando-se*) — Olha, Clarinha, o Manuel João queria que se dançassem danças populares; o *Estalado*, que êle marca lindamente. Mas que música há-de ser?

CLARINHA — Do Vira temos discos bons; vou vêr se se arranja o *Estalado* e outras danças.

E correu a procurar os discos.

Então, ao som alegre da música portuguesa, pareceu que uma mola impeliu toda a gente nova! formaram-se os pares, e a voz vibrante de Manuel João dominava o tumulto com as marcas do *Estalado*, gritadas ao compasso da música, não perdendo nunca aquêle ritmo especial, pausado e inconfundível!

— Vai tudo ao centro! E chegadinhos! Anda de roda! E troca o par!

No constante mudar de pares chegou a vez de Clarinha dançar em frente de Manuel João. E embora o gritar das *marcas* o absorvesse, impedindo-o de conversar, ainda conseguiu dizer algumas palavras à prima.

MANUEL JOÃO (*gritando*) — E siga a roda! Sempre, sempre bem marcada! (*Baixo a Clarinha*) — Estás explêndida mas acho-te mudada. (*Alto*) — Vai tudo ao centro! Ai que belo Estaladinho!

CLARINHA (*rindo*) — Mudada para pior ou melhor?

MANUEL JOÃO — E troca o par! (*baixo*) Uma santa! Mas antes te queria rebitêsa! (*vai seguindo com outro par*).

CLARINHA (*dançando com outro rapaz*) — É divertido o Estalado, não é, Jorge?

JORGE (*enjoado*) — Não acho. Gosto mais do tango. Com êstes pulos constantes nunca se pode nem falar, nem pensar, nem nada!

CLARINHA — Para falar e pensar e não sei que mais, não é preciso vir dançar! Basta ficar sentado numa cadeira!

JORGE — Quem me dera... (*seguem*).

Acabadas as danças populares, sem que nunca esmorecesse o entusiasmo, foi servida a explendida ceia e o apetite de novos e velhos não faltou naquela noite festiva. Já de madrugada, exaustos todos, mas radiantes, trocavam impressões antes de recolherem aos quartos.

MANUEL JOÃO — Eu o que mais desejo, sabem o que é? É ouvir o que diz a Polly desta festa portuguesissima!

POLLY (*entusiasmada*) — Eu nunca enjoei tanto como esta noite! (*gargalhada geral*).

CLARINHA (*beijando-a*) — Oh, Polly!

POLLY (*admirada*) — Porquê todos riem de mim? Porquê tu dizeres oh Polly?!!

ANGÉLICA (*bocejando*) — É tarde demais para explicações: boa noite, meninos! E tu, Polly, vai «enjoando» à vontade, que fazes bem.

MANUEL JOÃO — Pollysinha não te zangues: mas o teu «enjôo» inglês não se parece nada com o enjôo português, sabes?

POLLY (*admirada*) — Em inglês eu digo: «I enjoyed myself»! em português eu digo: «eu enjoei mim». Então não é isso que diz-se?

MANUEL JOÃO (*rindo*) — Coitada, Polly, vou dizer-te o que isso quer dizer na nossa língua: e Manuel João fez o gesto horrível, (acompanhado dum simulacro de náusea), de vomitar...

POLLY (*indignada*) — Oh *shocking, shocking!*

A CONDESSA (*à porta*) — Para a cama, meus filhos: olhem que são três horas da manhã. E lembrem-se do pic-nic ao Moinho Velho!

TODOS — Boa noite! Boa noite! Boa noite!

E daí a pouco tempo o sossêgo era completo na quinta de S. Joaquim.

. . . .

Estendido numa cadeira de lona, no jardim, Manuel João lia sossegadamente ao pé de D. Beatriz que fazia «tricot».

D. BEATRIZ (*parando de trabalhar*) — Você não acha a Clarinha muito mudada?

MANUEL JOÃO (*grave*) — Acho, sr.ª D. Beatriz: e se quer que lhe diga, não gosto muito da mudança.

D. BEATRIZ (*pensativa*) — Nem eu...

MANUEL JOÃO — Há qualquer coisa nela que não sei explicar. Parece que a alma não acompanha o corpo...

D. BEATRIZ — Não vou tão longe, Manuel João. Mas desde o desastre do Mário, a Clarinha ficou diferente do que era, é certo!

MANUEL JOÃO (*sorrindo*) — Já não embirra com a tia, felizmente; e parece adorar o irmão; mas...

D. BEATRIZ (*com energia*) — Olhe, Manuel João, a Clarinha tem um segrêdo, isso é certo. E como não é pessoa para desabafar facilmente, é capaz de sofrer, e adoecer e até... morrer! sem que ninguém descubra o seu pensamento!

MANUEL JOÃO (*impressionado*) — Mas então não é possível deixá-la sofrer assim! Que terá ela, a minha Clarinha?!

D. BEATRIZ (*socegando-o*) — Alguma creancice, com certeza; mas era bom que desabafasse consigo, isso era. A sua irmã Angélica é um pouco brusca: não tem geito nenhum para a Clarinha; e a Neca é muito pequena.

MANUEL JOÃO — E consigo não se abrirá? Ela adora a sr.ª D. Beatriz!

D. BEATRIZ (*comovida*) — E' muito minha amiguinha, é; mas sabe o que acontece nesta ocasião? Ainda nem falei nisto à condessa, imagine; vou ter de me ausentar por um tempo!

MANUEL JOÃO — Que desgôsto para todos!

D. BEATRIZ — Você sabe que eu sou viúva e tenho uma filha casada há anos. Pois nasceu agora uma pequenina a essa minha filha: e ela suplica-me que vá conhecr a minha neta. Custa-me tanto deixar a Clarinha agora: sei que atravessa uma crise grave...

Foi um desgôsto para todos a partida da bôa senhora. E D. Beatriz, em lágrimas, teve de prometer solenemente que não se demorava mais dum mês.

E D. Beatriz partiu, deixando muitas saüdades em todos.

O resto da temporada passou-se em alegres passeios pelo campo, interessantes leituras em comum, burricadas pelas charnecas e banhos no rio, com exercicios brilhantes de natação: e foi êsse, sem dúvida, um dos maiores prazeres daquêle verão.

(*Continua no próximo número*)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

"Primavera e Outono"

Um dia de Primavera evoca sensações de frescura, de beleza! Escondido entre tanto viço, tanto mimo, há um renascimento gigantesco, de que é melhor não falar, pois é difícil conceber qualquer coisa de brutal numa manhã de Primavera... Sou como um escultor cego, que sente a forma cheia de beleza, rítmica quási, debaixo dos dedos incapazes de cinzelar, inúteis! Sentir... escrever, dar relêvo, colorido, murmúrios, sombras, distribuir a luz, sensações, reacções... Que diferença!

Ai! Quem me dera poder encostar a cabeça, cheia de nevoeiros da cidade Invicta — cidade do granito, das fábricas, das altas casas cinzentas, escuras, frias, sem vida... — a um tronco a transbordar de seiva, a ressurgir... Se não fôsse lugar-comum, diria: a Primavera é a vida! Tem às vezes grande influência na vida duma pessoa um sôpro de Primavera, um raio fugitivo de sol. Levanta o moral, dá alegria! Ai! a ternura dum raio de sol — brando, meigo, de Primavera — nos cabelos duma criança! Que coloridos fantásticos, que cambiantes doirados! Que pena não ser artista! Que tortura saber que aquela visão, aquêle momento, vai acabar! Quardá-la ao menos na sensilidade, já que a inteligência se não transformou em talento!

Que a morte não venha na Primavera! Porque, perdoai-me Senhor, talvez não fôsse... Todos os meus amigos inanimados me protegeriam, tôdas as fôrças ocultas, misteriosas, da Natureza, me defenderiam! Não duvido que a amendoeira me emprestasse um pouco de vigor, que as andorinhas me fizessem barreira, que a brisa afastasse a morte, que os perfumes estonteantes a chamassem, a levassem...

Sabe-se, sente-se, que há qualquer coisa que tem de vir. Só há voz para dizer palavras meigas. Perdôa-se a Eça a sua religião do sol nas "Prosas Bárbaras", por quási se compreender. Esquecemo-nos da morte, agarramo-nos à vida, ao renascimento...

Outono... fins de dia. Parou de chover. Tem-se a impressão que a luz não está bem distribuida: que há feixes de raios a mais, sombras deslocadas. As poças de água reflectem nuvens, imagens que tremem...

Uma paìsagem de Outono faz-me lembrar uns quadros inglêses que havia na minha quinta: as amazonas, direitas como boas inglêsas, eram ladeadas por elegantíssimos caçadores de chapéu alto e sobrecasaca. Cäis de raça, veados magestosos, criados impecáveis e imponentes de "toque" de veludo, magnificos cavalos, nada faltava aos meus quadros, assinados por qualquer ilustre desconhecido, o que me era indiferente, porque, graças a Deus, não sou "snob"! Sempre que passava pelo "corredor dos quadros", ficava-me horas a olhá-los. E, ou pela luz que se escoava por uma janela escura, de grades, ou pela minha imaginação, ou mais naturalmente até, pela habilidade do mestre inglês, achava qualquer coisa de estranho naquele caír de folhas, qualquer coisa de intensivo, de derradeiro, de triste, naquele sol, frágil, que se escoava a mêdo pela pouca folhagem amarelada, que mal iluminava os eternos sorrisos dos meus "lords"! Só mais tarde, quando deixei de ver os cãis dos meus quadros correrem atrás dos veados, quando para mim aquelas telas perderam o relêvo, o interêsse portanto, quando li pela primeira vez António Nobre, soube definir aquela sensação: chamava-se poesia. E como esta palavra não era só minha, era da imprensa, de todos, nunca mais olhei os quadros inglêses...

Maria Eugénia de Sá Coutinho (Aurora)
N.º 3157 — Ala 1, Centro 11

* * *

Primavera

Eis-nos em plena primavera cheia de mil encantos.

Depois de passada a quadra triste do inverno e derretidas as neves que cobriam montanhas e vales, surgem os campos viçosos, matizados de variegados cambiantes de flôres campestres; a papoila, o rosmaninho, o malmequer e tantas outras, sobressaindo do verde dos prados, deleitam-nos o olhar. Nos jardins já estão desabrochadas tôdas as flores, confundindo-se no ar os seus perfumes, como no solo se confundem as suas côres. Nesta encantadora estação, podemos por todo o lado colher braçadas de flores, quer para alindar as nossas casas, quer para embelezar os altares dos santos da nossa devoção.

As avezinhas constroem os seus ninhos derrubados pelos rigores do inverno e recomeçam no seu chilrear que tanta alegria dá à natureza. As borboletas de várias côres. desde o branco ao vermelho escarlate, principiam na sua faina a libar as flores. A realçar tudo isto, até nos parece que o céu está mais azul e que o sol tem um brilho incomparável. Êste conjunto dá-nos uma sensação de alegria e bem-estar.

Maria Margarida Araújo Fontes Pereira da Costa
13 anos - Infanta n.º 26.340 - Colégio de Gil Vicente - Centro n.º 16

* * *

TRISTEZA

Era uma tarde de Outono. O sol agonizava
Numa apoteose de côr, que doirava os céus.
Olhaste-me minha Mãi. E nêsse olhar amorável
Eu senti a dôr do teu supremo adeus.

O teu olhar... afago consolador e santo
Que me deu coragem e me enterneceu.
Beijo de luz, o derradeiro beijo
Duma alma pura voando para o céu.

Oh! Mãi, Mãizinha que tão cêdo fugiste
Deixando-me perdida no mar da orfandade.
Hoje a recordação do teu olhar tão triste
Mais cruel me torna o amargor da saùdade!

«Servir» Vanguardista — 15 anos